



Mídia e AIDS: um estudo destacando os pressupostos teóricos inerentes e os resultados de pesquisas efetuadas nos jornais impressos e on line¹

Sonia Aparecida CABESTRÉ²
Tânia Maria GRAZIADEI³
Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP

Resumo

Trata-se de um estudo que apresenta os diferentes aspectos que têm ligação com o tema AIDS, em especial aqueles que se referem à abordagem da mídia. Dessa maneira, destaca-se que, para a elaboração do artigo, considerou-se três momentos: inicialmente ressaltam-se os pressupostos pertinentes ao tema, ou seja, sociedade da informação e do conhecimento e comunicação, mídia e HIV e trajetória da AIDS. Na sequência apresentam-se os principais aspectos referentes ao resultado de pesquisa documental - uma desenvolvida no período de 1995 a 1997, junto à mídia impressa, e outra realizada junto ao sistema on line, que priorizou no processo de coleta de informações o período compreendido entre 01/12/2008 a 28/02/2009. Os resultados possibilitaram refletir sobre o comportamento da mídia em relação às questões da AIDS.

Palavras-chave: AIDS; Comunicação; Mídia; Sociedade da Informação; Sociedade do Conhecimento.

Introdução

Infelizmente, a abordagem sobre a AIDS pela mídia, de um modo geral, durante um bom tempo, especialmente na década de 90 do século passado, apresentou equívocos - a doença, no início, foi “divulgada” como sendo um mal afeto apenas aos gays, às prostitutas e àqueles que tinham vida promíscua.

Aos poucos - de uma forma bastante lenta - a apresentação dessa doença na mídia deixou de enfatizar que a AIDS era exclusiva apenas daqueles que faziam parte dos chamados “grupos de riscos”. Essa lentidão na definição e direcionamento das atividades de prevenção foi um dos fatores que, ao longo dos anos, levaram ao aumento do número de infectados com o HIV, especialmente entre os heterossexuais, porque estes consideravam que não se “enquadravam nos grupos de risco” e continuaram a manter seus relacionamentos da forma como sempre o fizeram: sem o uso de preservativos e mantendo rotatividade entre os parceiros.

Na atualidade, de acordo com Lopes (2008)⁴, oficialmente, a ocorrência de aids entre os jovens de 13 a 24 anos mantém-se estável nos últimos cinco anos. Eles representam 10% do

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional – IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Sonia Aparecida Cabestré é Relações Públicas e Doutora em Educação pela UNESP/Marília. Docente do Curso de Graduação Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas e da Especialização em Comunicação nas Organizações - Universidade do Sagrado Coração – Bauru/SP. E-mail scabestre@uol.com.br.

³ Tânia Maria Graziadei é Relações Públicas, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo/ECA/USP. Coordenadora e Professora do Curso de Relações Públicas da Universidade do Sagrado Coração (USC) – Bauru/SP. E-mail tania.graziadei@travelnet.com.br.

⁴ Adriana Dias Lopes é autora da matéria “As alucinantes noites dos camicases”, publicada na Revista Veja, Edição 2080, 1º de outubro de 2008. Disponíveis em: <http://veja.abril.com.br/011008/p_096.shtml>. Acesso em: 20 jun 2009.



total de infectados no país a cada ano, o que equivale a aproximadamente 3.000 casos. Na mesma matéria, o infectologista David Uip, do Hospital Sírio-Libanês, “destaca a necessidade desse público refletir e mudar de comportamento porque, segundo ele, do contrário, poderá haver “uma explosão da contaminação por HIV entre os jovens.” Para o profissional médico, até recentemente, os portadores do vírus com menos de 25 anos que chegavam ao seu consultório eram, no máximo, três por ano.

Em sua matéria, a jornalista Lopes (2008) também relata que, em algumas situações, o comportamento irresponsável adquire contornos suicidas: comum entre os gays americanos desde os anos 90, vem ganhando força no Brasil a prática do *bare-backing*, em que homossexuais masculinos se expõem voluntariamente ao vírus da aids em relações sem proteção.

A expressão *barebacking* pode ser traduzida como "cavalgada sem sela". Para Alves (2008), nessa roleta-russa da aids, um portador do HIV é chamado a participar de uma orgia. Ele pode ou não receber dinheiro por isso. Quando é contratado, o valor fica em torno de 3.000 reais. Batizado de "*gift*" (presente, em inglês), o soropositivo não é identificado. Todos os outros convidados, porém, sabem que na festinha há pelo menos um portador do HIV – e se divertem com o risco de serem infectados. A jornalista ressalta que “essa maluquice é protagonizada, em geral, por homens de 16 a 30 anos”.

Considerando o exposto, dentro do contexto da AIDS, é igualmente importante ressaltar que a desinformação e a dificuldade de acesso a métodos preventivos fazem com que essa doença e a pobreza se associem de forma perversa - tanto na cidade quanto no campo, a epidemia vem se alastrando junto às camadas menos preparadas para combatê-las.

Merece atenção também os outros segmentos de públicos que também estão expostos à AIDS, seja por razões culturais, sociais e econômicas. Os idosos e as mulheres, em especial as casadas, compõem os diferentes cenários do cotidiano brasileiro.

Assim, levando-se em conta esse contexto, desenvolveu-se estudos e priorizou-se a busca de informações sobre a AIDS, publicadas na mídia impressa e disponibilizadas na mídia on line. Esse processo aconteceu em dois momentos – um na metade da década de 90 e outro na atualidade.

Preocupadas com esse cenário que ainda é muito presente no nosso cotidiano pergunta-se: qual tem sido o papel das mídias referenciadas em relação à divulgação de informações referentes às questões de prevenção da AIDS? Qual tem sido o enfoque dado pela mídia impressa e on line quando divulga informações sobre a AIDS?

É importante, nesse sentido, destacar que esta produção tem o propósito de apresentar primeiramente os pressupostos teóricos inerentes ao tema e, na sequência, o resultado de pesquisa documental, realizada nos jornais “Folha de São Paulo”, “Jornal da Cidade” e “Estado



de São Paulo” (nos anos de 1995, 1996, 1997) e “Folha on line”, no período compreendido entre 1º de dezembro de 2008 a 28 de fevereiro de 2009.

1 Pressupostos teóricos

Dadas as interfaces que a abordagem do tema apresenta, na sequência apresentam-se os principais conceitos e aspectos que têm relação com o estudo, ou seja, sociedade da informação e do conhecimento e comunicação, mídia e HIV e trajetória da AIDS.

1.1 Sociedade da Informação e do Conhecimento e Comunicação

É relevante primeiramente ressaltar que o ser humano, na atualidade, encontra-se defrontado com três grandes formas de comunicação: a *intersubjetiva ou humana*, caracterizada por ser menos sofisticada, mais lenta, mais arcaica, menos eficaz, mas provavelmente a pedra angular da sociedade; a *mediática*, condição de relacionamentos e de laços sociais e que se caracteriza pela mediação de tecnologias de natureza vária; e a do *ciberespaço*, mediada pela rede Internet, considerada mais eficaz pela sua instantaneidade, porém, que deixa de lado, muitas vezes, as dimensões antropológicas necessárias.

Desse modo, recomenda-se buscar as três formas como solução ideal, considerando-se que a primeira dá sentido à vida, a segunda acha-se ligada à sociedade e à democracia de massa, e a terceira porque está em sintonia com a abertura das sociedades e do lugar cada vez maior dos fluxos imateriais (WALTON, 2004).

Não menos importante também, destacam-se as diferenças entre a informação e o conhecimento. Para tanto, buscamos sustentação em Davenport; Prusak (1998) que mencionam que, diferentemente do dado, a informação tem significado, relevância e propósito, sendo o conhecimento mais amplo, mais profundo e mais rico do que os dados ou a informação e resultante de uma experiência humana, tendo origem e aplicação na mente das pessoas.

Em decorrência das características da informação e do conhecimento, temos as diferenças entre as suas formas de gestão. Segundo Terra; Angeloni (2007), a informação é mais facilmente identificada, organizada e distribuída e o conhecimento depende da internalização, interpretação e decisão humanas. Assim, os sistemas de gestão do conhecimento estão relacionados muito mais com as questões centradas nos seres humanos do que mais propriamente com aqueles relacionados à gestão da informação. Esta última tem em seu bojo as questões mais próximas relacionadas a resultados de investimentos e quantidades, enquanto que a gestão do conhecimento busca a modificação de comportamento e de condutas humanas no sentido de utilização da informação para o benefício coletivo.

Considerando tais pressupostos, pode-se inferir que, se o processo de gestão do conhecimento fosse adequadamente utilizado pelos dirigentes das empresas jornalísticas e pelos responsáveis pela disponibilização de informações de interesse da sociedade no sistema on line, toda e qualquer informação veiculada deveria trazer benefício para a coletividade. Em se tratando de questões de saúde, em especial as que se referem à AIDS, pode-se dizer que, em



termos de prevenção, s.m.j., o papel da mídia impressa e da on line não está sendo adequadamente trabalhado.

É interessante, nesse sentido, fazer um pequeno recorte e apresentar reflexões sobre a questão da informação e do conhecimento na atualidade. Assim, encontramos referencial em Barreto (1994), ao mencionar que:

A informação sintoniza o mundo. Como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução do homem em direção à sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino; mesmo antes do seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante sua existência pela sua competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisséia individual no tempo e no espaço. A importância que a informação assumiu na atualidade pós-industrial recoloca para o pensamento questões sobre a sua natureza, seu conceito e os benefícios que pode trazer ao indivíduo e no seu relacionamento com o mundo em que vive (BARRETO, 1994, p.1).

Os princípios e conceitos que procuram explicar a informação têm apresentado, em geral, o seu elo com a produção do conhecimento, uma vez que a associam ao desenvolvimento e à liberdade individual, aos grupos de convivência e à sociedade como um todo. “A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive” (BARRETO, 1994, p.1). E, no que concerne às informações sobre a prevenção da AIDS, as mídias, objeto deste estudo, não têm considerado tais aspectos.

A questão central na sociedade contemporânea não é mais apenas o acesso à informação, mas o uso e a utilidade da informação para fazer o quê? Como questionar essa informação onipresente, principalmente nos processos comunicacionais? Saber questionar um estoque de informações requer previamente uma competência, existindo uma estreita especialização para que a troca de informações seja possível com as facilidades de acesso e da mídia. “A facilidade de trocas não muda nada na hierarquia dos saberes, nem na distância entre as competências” (WALTON, 2004, p.383). E a mídia tem todas as possibilidades para gerar e disseminar informações que causem ressonância na sociedade – especificamente as referentes às questões preventivas de saúde.

Insera-se, nesse sentido, o posicionamento de Ramos (2005, p.2) que assim se posiciona: nas democracias representativas de massa, temos o direito de ser informados – direito que, reconhecemos, tende a ser, fora das ditaduras e dos regimes autoritários, muitas vezes extremamente amplo. Mas, por mais amplo que possa ser, será sempre insuficiente, dadas as condições do contexto social.

E Duarte (2007) complementa e destaca que, no início da década de 70, do século passado, a ênfase ao processo de liberdade de informação começa a perder espaço, dando início às discussões sobre o direito de comunicar.

Trata-se de aplicar o princípio do direito de comunicar que, para Duarte (2007, p.109):



[...]a comunicação é uma questão de direitos humanos. Mas ela é cada vez mais interpretada como o direito de comunicar, ultrapassando o direito de receber comunicação ou de dar informação. Daí, ser a comunicação encarada como um processo de ‘mão-dupla’, no qual os parceiros – individual e coletivo – levam a efeito um diálogo democrático e equilibrado. Em contraste com o monólogo, a idéia do diálogo está no cerne de boa parte do pensamento contemporâneo, que está evoluindo na direção de um processo de desenvolvimento de uma nova área de direitos sociais.

A comunicação pode ser caracterizada como uma importante ferramenta no processo de constituição da cidadania, na medida em que possibilita o acesso à informação, ao mesmo tempo em que estimula os debates sobre diferentes temas de interesse da população. E a mídia pode e deve estar comprometida com as diferentes questões que permeiam a sociedade.

1.2 Mídia e HIV

Para contextualizar os diferentes aspectos relativos à mídia e prevenção das DST/AIDS, buscou-se subsídios em autores que têm direcionado estudos e destacado o papel e a participação dos meios de comunicação sobre o tema objeto deste estudo.

Em relação à participação dos meios de comunicação social, Schiavo (1998) já afirmava que se trata de um processo crucial para o êxito das ações que visam proteger e promover os direitos de cidadania. No que diz respeito ao campo do direito à saúde, segundo o autor, não é diferente, sobretudo no que se refere à prevenção das DST/AIDS: são os meios de comunicação que mais têm contribuído para fazer chegar, aos diversos segmentos da sociedade brasileira, as informações e orientações que as pessoas necessitam para se prevenir dos riscos de exposição ao HIV.

Sobre as colocações do autor cabem alguns questionamentos: de fato, os meios de comunicação têm a preocupação de “fazer chegar a informação aos diferentes segmentos da sociedade”. Pergunta-se: como essa informação, gerada no âmbito das redações, é recebida e percebida pelos receptores? Os profissionais que “vêm trabalhando essa informação” já avaliaram em algum momento a eficácia em termos de resultados? Se todos os esforços já desenvolvidos pelos meios de comunicação, em relação às questões da AIDS, tivessem causado ressonância na sociedade, por que ainda existe a preocupação com o aumento do número de infectados?

Schiavo (1998) também considerou, em seus estudos, que os jornais, revistas, house-organs, emissoras de rádio e de TV antecipam, apoiam e multiplicam a cobertura das diferentes ações preventivas desenvolvidas por organismos públicos, privados e não governamentais. Graças à intensa participação dos principais veículos e profissionais de comunicação, foi possível reverter quadros gravíssimos de infecção pelo HIV em diversas comunidades ou segmentos sociais.



Na colocação do autor fica evidente o seguinte: a partir de 1996, com os avanços da pesquisa na área e a descoberta do “coquetel”, foi possível desenvolver ações buscando controlar a doença. No entanto, existe ainda um grande caminho a ser percorrido para tornar eficazes as ações de prevenção da AIDS - que não depende somente dos meios de comunicação, mas sim de toda a sociedade e, em especial, dos profissionais das áreas de saúde, educação, psicologia, sociologia e comunicação.

Segundo afirmou o sexólogo, a ampla disseminação de informações claras, objetivas e fidedignas sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis -DST/AIDS, com ênfase nas estratégias e práticas protetoras, auxilia as pessoas a adotarem atitudes e comportamentos que tendem a afastar os riscos de exposição ao HIV e aos microorganismos causadores das demais DST. Schiavo (1998) ressaltou também que em todo o mundo essa é a chave para a redução dos coeficientes de infecção nos vários segmentos sociais e, principalmente, nos grupos cujos comportamentos e práticas sexuais podem se constituir em fator que facilita o contato com os agentes causadores da doença.

É claro que, se as informações fossem claras e objetivas e se os responsáveis pela produção das matérias, campanhas e peças de divulgação da prevenção à AIDS fossem devidamente preparados para desenvolver ações, enquanto parte de um processo e, também considerassem as diferentes culturas que existem em nosso país, hoje o Brasil poderia estar numa situação bem mais tranquila no que se refere a essa doença.

O autor ainda destaca que, no Brasil, os meios de comunicação integraram-se ao trabalho desenvolvido pelos órgãos públicos e ONG's que atuam na área, e têm-se mantido na linha de frente do combate ao HIV, propiciando à população informações e orientações detalhadas sobre a AIDS, suas formas de transmissão, principais sintomas e, sobretudo, como evitá-la, adotando-se novas práticas e comportamentos sexuais que privilegiem o uso correto da camisinha. No entanto, apesar das campanhas e ações, o quadro da doença ainda é extremamente preocupante, especialmente junto ao segmento jovem.

Ainda de acordo com o sexólogo, não se pode negar que o amplo e fácil acesso às informações amplia a autonomia dos indivíduos para exercitar sua sexualidade de maneira segura. Contudo, sabe-se que o fato de as pessoas estarem informadas sobre os eventuais riscos a que estão expostas e as formas de evitá-los não garante que elas irão adotar práticas e/ou comportamentos protetores.

Também, é interessante refletir sobre o pensamento de Gonçalves e Varandas (2009), que assim se posicionam: se a comunicação tem um papel fundamental como processo educador; qual seria o seu desempenho na mídia impressa e eletrônica? Em que medida as práticas sexuais têm sido alteradas e/ou estagnadas devido à interferência da mídia? Qual a contribuição da comunicação no sentido de esclarecer e/ou prevenir o contágio? Estaria a mídia procurando adequar a linguagem no mesmo sentido da progressão da doença? Os processos de



socialização estariam sendo desconstruídos/reconstruídos diante da possibilidade de contaminação? As questões de gênero estariam sendo pautadas no contexto da doença pela mídia?

Considerando que o mapeamento da epidemia já sinalizou a “feminização, pauperização [...] da epidemia de HIV/Aids”, conforme destacou Paulo Teixeira, então coordenador do Programa Nacional de DST e Aids (2003), qual seria o motivo de a linguagem de mídia ainda não ter sido apresentada decisivamente neste campo? No caso do Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, observou-se entre os homens [...], no período de 1994-98, um percentual de crescimento de 10,2% das notificações, enquanto nas mulheres este crescimento foi de 75,3% (Ministério da Saúde, 2003). A doença, apesar de apresentar um significativo crescimento entre as pessoas mais pobres, está concentrada nos grandes centros produtores de riquezas. Contudo, a desigualdade social, a assimetria de gênero, a falta de acesso aos bens, como educação, saúde e informação, ainda são fatores de grande vulnerabilidade para esta população (apud GONÇALVES; VARANDAS, 2009).

Ao que foi exposto, acrescentam-se informações pertinentes ao público idoso. No âmbito do Estado de São Paulo, de acordo com levantamento efetuado pela Secretaria de Estado da Saúde⁵, por intermédio do Programa Estadual de DST/Aids e da Fundação Seade, destaca-se que a proporção de pessoas com 50 anos ou mais que se infectam com o vírus HIV é a maior da história. Em 2007 os paulistas a partir dos 50 anos, diagnosticados como soropositivos, representaram 15,06%. No ano anterior o índice tinha ficado em 14,76%. Em 2005 esta faixa etária representou 13,58% do total de casos de Aids, e, em 2004, 12,62%.

Dos 737 casos de HIV registrados no Estado em 2007 entre as pessoas mais velhas, 61,2% foram em homens. Houve, entretanto, queda no número absoluto de casos notificados, que foi de 972 em 2006, 971 em 2005 e 969 em 2004. A principal categoria de exposição ao HIV entre os paulistas com 50 anos ou mais em 2007 foi a de transmissão heterossexual, que representou 65,9% do total de infectados, seguida pelos homossexuais, com 5,6%, e pelos bissexuais, com 4,5%. Entre as mulheres a categoria de exposição heterossexual chegou a representar 83,6% do total de infectadas.

Apresentados os aspectos e informações inerentes à “mídia e HIV”, a seguir destacam-se a trajetória e os principais fatos da doença.

⁵ Informação extraída do texto “Índice de infecção pela HIV em pessoas com mais de 50 anos tem recorde histórico em São Paulo”. Disponível em: < <http://criasnoticias.wordpress.com/2008/11/25/indice-de-infeccao-pelo-hiv-em-pessoas-com-mais-de-50-anos-tem-recorde-historico-em-sao-paulo>>. Acesso em: 22 jun. de 2009.

1.3 Trajetória da doença e principais fatos

Início dos anos oitenta. Uma doença misteriosa e desconhecida começa a assustar a comunidade médica americana. Os primeiros casos aparecem, até que, em 1983, chega-se à descoberta de seu vírus causador, um novo tipo de retrovírus: o '*human immunodeficiency virus*'. A doença a ele associada passou a ser chamada de síndrome de imunodeficiência adquirida - Aids. (SOARES, 1999, p.141).

Às colocações da autora, acrescentam-se as reflexões de Parker (1994) que abordou em sua obra as questões técnicas e específicas da AIDS, ao mesmo tempo em que destacou o trabalho do pesquisador Mann e seus colaboradores.

Parker, em seu estudo, também considera que a situação da AIDS no Brasil exige uma reflexão própria, articulada com o estado do saber sobre a epidemia no mundo inteiro. Segundo ele, o Brasil é um lugar crítico na "partição do mundo", com focos de excepcional desenvolvimento dentro de um panorama geral dependente e subdesenvolvido e apresenta intensas contradições sociais e problemas sanitários.

Parker (1994) fez a trajetória da doença e destacou que vieram dos Estados Unidos as primeiras notícias da AIDS: na Califórnia e Nova Iorque, jovens adultos morriam de forma inusitada, combinando raros casos de câncer com pneumonias comuns.

O autor ainda ressalta que a doença foi descoberta em 1981 nos guetos homossexuais de Nova Iorque, São Francisco, Los Angeles e outras grandes cidades norte-americanas: a esse processo foi dado o nome de "conexão haitiana". Há quem afirme que trabalhadores haitianos, ao emigrarem para a África, entraram em contato com o HIV. Regressando ao Haiti, trouxeram, além da bagagem, o vírus mortal, que encontrou naquele país da América Central condições sócio-econômica-culturais similares às da África.

O vírus encontrou caminho para ser disseminado também em outras grandes cidades do mundo, como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Caracas (América do Sul), e nas principais cidades da Europa: Paris, Lisboa, Londres.

Esse elo de que a AIDS primeiramente esteve ligada diretamente aos homossexuais aparece em todos os momentos de sua história: na epidemiologia, na clínica, na opinião pública, no julgamento moral, na pesquisa.

Em se tratando das incidências a respeito da AIDS, Parker (1994), em seu estudo, descreveu que os resultados do cruzamento da pesquisa epidemiológica com os conhecimentos atuais sobre o HIV indicam que há alguns canais específicos para a transmissão dessa infecção. Embora o HIV possa existir nos mais diversos fluídos corporais, como sangue, espermatozoides, secreção vaginal, lágrima, leite materno e saliva, apenas alguns deles o transmitem de forma eficiente.

Em se tratando do Brasil, conforme mencionado por Parker (1994), destaca-se o seguinte: primeiro veio a mídia e dos Estados Unidos vinham os relatos. Logo apareceram as



primeiras notícias sobre a AIDS em alguns círculos cosmopolitas de São Paulo e do Rio de Janeiro, visitantes regulares de Nova Iorque.

A respeito da realidade brasileira Parker relata em sua obra que, no princípio dos anos 80, a AIDS não era ainda percebida como epidemia: nem veio a sê-lo, tampouco, nos anos que se seguiram. Com o país ainda devastado por “endemias tradicionais” e epidemias cíclicas, essa doença “pós-moderna” não aparecia no quadro de prioridades das autoridades sanitárias brasileiras.

Na cidade de São Paulo foi criado o GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS), a primeira organização não governamental para fazer face à AIDS no Brasil. No Rio de Janeiro, os serviços do DIP (Doenças Infecciosas e Parasitárias), de clínica médica ou de oncologia de alguns hospitais universitários deram-se conta de que a AIDS iria assolá-los com a exigência de cuidados especiais.

Na sociedade civil, a indignação com as consequências da contaminação pelo sangue em hemofílicos associou-se à indignação pela discriminação de homossexuais e convergiu numa luta de cidadania mais geral, de que a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS), fundada em dezembro de 1986, constituiu o exemplo mais organizado. Em vários pontos do país surgiram associações comunitárias de ação anti-AIDS; em julho de 1993 já existiam 175 ONG's/AIDS no Brasil.

No entanto, vários foram/são os obstáculos que dificultaram/ têm dificultado atingir eficácia em todos os níveis do processo: é notável a precariedade dos meios para coletar, transmitir, arquivar e analisar informações. É ainda o estrangulamento nos canais de informação e comunicação entre os vários níveis do sistema de saúde e os grupos em causa - que passa pelo preconceito e estigma, além da esteriotipagem inicial, associada à infecção e à cultura sexual, e das implicações éticas levantadas por sua notificação - que impedem a informação de fluir.

Segundo Parker(1994), no início da manifestação da doença, para a mídia, a AIDS era uma questão de minorias exóticas: assim também a tratava o governo. Quando se tornou alvo de legislação, em meados daquela década, foi enquanto “fato médico”; só lentamente viriam a ser levadas em consideração as suas dimensões globais múltiplas.

Foi no ano de 1985 que o governo, por intermédio de Portaria Ministerial, criou o Programa Nacional de AIDS. Já em 1986 entrou em atuação a Divisão de Controle de DST e AIDS, do Ministério da Saúde. Essa divisão integrava epidemiólogos, sanitaristas e clínicos: o programa veio a destacar-se como o maior e mais controverso da Saúde, mobilizando uma equipe de mais de 30 pessoas e dispondo de um orçamento anual de 30 milhões de dólares, segundo declarações da própria coordenadora em 1988, conforme cita Parker (1994).

A Organização Mundial da Saúde também elaborou um programa para tratar exclusivamente da epidemia de AIDS - primeiramente foi nomeado Programa Especial de



AIDS, em 1986, e transformado em 1987 em Programa Global de AIDS que, em 1995, enfrentou radicalmente a epidemia.

Já, de acordo com Galvão (2000), em nível mundial, em meados da década de 80, século XX, alguns profissionais começaram a focar a epidemia pela ótica dos direitos humanos, ampliando as possibilidades de entendimento da AIDS e, também, do próprio campo dos direitos humanos. No Brasil, os primeiros que articularam respostas da sociedade civil frente à epidemia foram Paulo Bonfim, Betinho e Herbert Daniel.

Galvão (2000) também considera que, no tocante à sociedade civil, além do impacto das mortes de lideranças, três iniciativas merecem destaque: o maior envolvimento de organizações feministas, num processo iniciado no final da década de 80, início da de 90; a criação, em 1992, de grupos de travestis e a participação desses grupos em atividades relacionadas à AIDS; e o surgimento, em 1995, da Rede Nacional de Pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Complementando, apresentam-se na sequência outros fatos sobre a AIDS:

-1996: David Ho e Martin Markowitz apresentam os resultados positivos do uso do coquetel de medicamentos - que bloqueiam a replicação do HIV no corpo - na 11ª Conferência Internacional sobre Aids em Vancouver, no Canadá . Ao mesmo tempo, o Brasil consegue empréstimo do Banco Mundial para atividades de prevenção à Aids.

-1997: morre o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Hemofílico contaminado por transfusão de sangue, defendia o tratamento digno dos doentes de Aids.

-1998: muitos soropositivos que usam o coquetel apresentam cargas virais indetectáveis pelos exames. Mas o HIV continua 'escondido' no organismo (gânglios linfáticos, medula e partes do cérebro).

-1999: estudos indicam que, quando o tratamento com o coquetel é abandonado, a infecção torna-se outra vez detectável. Pacientes desenvolvem efeitos colaterais aos remédios.

-2000: a 13ª Conferência Internacional sobre Aids em Durban, na África do Sul, denuncia ao mundo a mortandade na África. Dezesete milhões morreram de Aids no continente, 3,7 milhões são crianças. 8,8% dos adultos estão contaminados. Cinco grandes companhias farmacêuticas concordam em diminuir o preço dos remédios usados no tratamento da Aids para os países em desenvolvimento. No Brasil, aumentam os casos em mulheres.

-2001: organizações médicas e ativistas denunciam o alto preço dos remédios contra Aids. O Brasil, através do Ministro da Saúde José Serra , quebra patente de remédio anti-Aids e acirra o conflito entre governos e a indústria farmacêutica global.

-2002: o Fundo Global para o Combate à Aids, Tuberculose e Malária, uma nova instituição criada pelas Nações Unidas, é criado para lutar contra as três doenças infecciosas que mais matam no mundo. A 14ª Conferência Internacional sobre Aids é realizada em Barcelona.



-2003: A 13ª conferência internacional sobre a Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis acontece em Nairóbi, na África, continente onde vivem mais de 75% das pessoas contaminadas no mundo pelo HIV.

-2004: Cientistas de todo o mundo, autoridades governamentais e sociedade civil que trabalham com HIV e aids se reuniram entre os dias 11 e 16 do mês de julho, em Bangkok, na Tailândia, para participar da XV Conferência Internacional de AIDS. A doença atingia na época 38 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo cerca de 600 mil no Brasil. O tema do encontro foi o acesso universal ao tratamento, à educação e à informação para as pessoas infectadas.

-2006: Representantes da sociedade civil, de universidades e da comunidade científica do Brasil participaram da XVI Conferência Internacional de Aids, realizada em Toronto, no Canadá. O governo brasileiro foi representado pelo Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde.

-2008: A XVII Conferência Internacional sobre AIDS acontece no México.

Face ao exposto, é igualmente importante destacar o seguinte:

que, devido aos avanços técnico-científicos observados no mundo, consequentes transformações foram percebidas, inclusive demográficas. Desse modo, com melhores condições de vida e saúde, temos hoje um mundo que envelhece. A chamada terceira idade, compreendida, segundo a Organização Mundial da Saúde, a partir dos 65 anos em países desenvolvidos, e a partir dos 60 anos em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, representa um recente campo de estudo para a ciência⁶.

Também, conforme consta no referido site, em 10 anos, o Brasil experienciou um aumento de 35,5% de indivíduos situados na faixa etária mencionada (LAZZAROTTO et al., 2008). Paralelamente às transformações demográficas, o quadro das patologias do envelhecimento também sofreu alterações⁷.

Considerando esse contexto, as ciências médicas têm intensificado estudos direcionados a essa parcela dessa população e a preocupação tem sido com a qualidade de vida dos idosos.

No período do carnaval de 2009, o tema da campanha foi direcionado a esse público e as estratégias utilizadas pelo Ministério da Saúde tiveram o intuito de chamar a atenção e esclarecer os idosos.

Como o foco central deste estudo é a abordagem da mídia em relação às questões da AIDS, na sequência apresentam-se os procedimentos desenvolvidos em pesquisa documental, realizada em dois momentos distintos.

⁶ Informação extraída do texto “Incidência de HIV na população idosa e tendência à feminização”. Disponível em: < <http://www.sissaude.com.br/sissaude/inicial.php?case=2&idnot=448>>. Acesso em: 22 jun de 2009

⁷ Informação extraída do texto “Incidência de HIV na população idosa e tendência à feminização”. Disponível em: < <http://www.sissaude.com.br/sissaude/inicial.php?case=2&idnot=448>>. Acesso em: 22 jun de 2009



2 Pesquisa documental⁸

2.1 Objetivos

- Retomar os principais aspectos de uma pesquisa documental desenvolvida nos Jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Jornal da Cidade (período de 1995 a 1997);
- Identificar, selecionar e analisar informações disponibilizadas sobre a AIDS (período de 1º dezembro/2008 a 28/02/2009) no Jornal Folha de São Paulo on line;
- Estabelecer comparações entre os resultados das duas pesquisas, em especial aqueles que se referem às questões de prevenção da AIDS.

2.2 Metodologia

Primeiramente, é importante destacar que a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica: a diferença está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinados assuntos, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Para Abreu (2009, p.3)

A pesquisa documental é uma técnica decisiva para a pesquisa em ciências sociais e humanas: é indispensável porque a maior parte das fontes escritas – ou não – é quase sempre a base do trabalho de investigação; é aquela a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos.

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. No entanto, é preciso definir de antemão quais fontes serão exploradas para o desenvolvimento do trabalho, em função dos objetivos propostos.

No caso específico do presente estudo, optou-se pela realização da pesquisa documental em jornais impressos e on line. O objetivo da pesquisa efetuada nos jornais “O Estado de São Paulo” (Estadão), “Folha de São Paulo” e “Jornal da Cidade”, nos anos de 1995, 1996 e 1º trimestre de 1997, foi o de levantar, selecionar e categorizar as matérias publicadas em função do destaque e do enfoque dados por esses veículos de comunicação às questões da AIDS. E para a busca no sistema on line escolheu-se o site da Folha de São Paulo (www.folhaonline.com.br).

Considerando o objetivo proposto, iniciamos o processo de leitura e resumo das matérias para facilitar a etapa de “criação de categorias”, dada a diversidade de enfoques. Assim, em função da “chamada” feita pelos jornais e da abordagem realizada pelos jornalistas estabeleceu-se as seguintes categorias: prevenção - expansão da doença - avanços da ciência e

⁸ Para desenvolvimento desta pesquisa contou-se com a participação de Ana Martha Chiaramonte, Relações Públicas e Especialista em Comunicação nas Organizações pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP.



tratamentos para a doença - aspectos gerais/diversos – carnaval e AIDS e dia mundial de combate à AIDS .

2.3 Apresentação dos resultados

Conforme já destacado, desenvolveu-se pesquisa documental em dois momentos, o que possibilitou refletir sobre os diferentes aspectos e abordagens efetuadas pela mídia impressa e on line sobre o tema da Aids.

Dessa maneira, resgatou-se primeiramente as informações inerentes à pesquisa documental realizada no período de 1995/1997, oportunidade em que foram criadas diferentes categorias e sistematizadas em quadros específicos com os respectivos comentários.

Num segundo momento, os mesmos procedimentos foram adotados, desta vez, definindo-se como período de coleta de informações de dezembro/2008 a fevereiro/2009, por serem meses em que, normalmente, esse tema ocupa espaço na mídia, em função do Dia Mundial de Combate à AIDS (1º dezembro) e período de comemoração do carnaval.

Os resultados deste estudo estão apresentados a seguir.

2.3.1 Resultados da pesquisa referente ao período de 1995 a 1997⁹

Entre os anos de 1995 a 1997 foram selecionadas 106 matérias nos jornais mencionados, categorizadas da seguinte maneira:

- 35: “prevenção” = 33,02%
- 30: “aspectos gerais/diversos” = 28,30%
- 28: “avanços da ciência” = 26,42%
- 13: “expansão da doença” = 12,26%

Dentre os anos pesquisados, em 1995 os jornais selecionados deram destaque acentuado para as diferentes ações de prevenção, quer seja divulgando a “distribuição de seringas”, quer chamando a atenção da população para o “uso da camisinha”. Foi também o ano em que foi veiculada a polêmica Campanha do “Bráulio”. Dada a forma como a mídia aborda o tema AIDS, pode-se considerar que as ações de prevenção têm quase sempre um “caráter de sazonalidade” (carnaval e outros eventos em que existe a possibilidade das pessoas beberem e ficarem aglomeradas).

Já em 1996, todas as atenções foram direcionadas para as descobertas científicas. Essa especulação iniciou-se em janeiro, quando foi divulgado nos jornais o seguinte: “Descoberto como o HIV dribla sistema de defesa”. Os canais de televisão também deram ênfase a essa pesquisa. Em fevereiro, num Congresso realizado em Fortaleza, um cientista americano “anunciou a vacina antiaids para os próximos três anos”.

⁹ Informações extraídas da tese de doutorado “A disseminação de informações preventivas e educativas sob o enfoque da gestão da qualidade – a AIDS em questão”, de autoria de Sonia Aparecida Cabestré. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília, em dezembro/2000.



Infelizmente, os jornalistas não exploraram profundamente o conteúdo da pesquisa científica quando fizeram a matéria: a bem da verdade, os pesquisadores, quando divulgaram os dados, estes ainda estavam “em fase de estudo” ou “em teste”. Essa informação, em alguns casos, está presente no texto da matéria, mas a “chamada” feita pelos jornais, conforme já mencionado, criou expectativa e euforia, não só nas pessoas portadoras do vírus, como também na população de um modo geral.

No entanto, ao mesmo tempo em que o governo adotou algumas ações que, segundo o Ministério da Saúde, eram voltadas à prevenção, divulgou-se números alarmantes da doença, não só em níveis locais/regionais, mas também informações relativas ao Brasil e Mundo.

Em 1997, no período selecionado, pode-se inferir que, considerando o enfoque dado às matérias, o governo deveria ter adotado, em caráter de urgência, ações que possibilitassem rever a metodologia que vinha sendo adotada nas atividades de prevenção: não é distribuindo camisinhas (masculina e feminina), seringas e veiculando campanhas como a do “Peru”, que os índices de aumento da doença poderiam ser amenizados.

Pelo que foi exposto, pode-se afirmar que existe a necessidade de mudar a forma de abordagem da mídia, bem como o conteúdo do discurso daqueles que definem as ações em prol da AIDS e “descer do estado de ser governo”: a população precisa ser devidamente esclarecida e as informações veiculadas sobre a AIDS necessitam ter caráter de utilidade. Para isso, é necessária a realização de trabalhos “in loco”: os profissionais de comunicação do Ministério da Saúde poderiam sair dos seus gabinetes, vivenciar o cotidiano brasileiro e constatar que as ações empreendidas pelo governo não têm sido eficazes.

A partir da pesquisa efetuada, é importante ressaltar que as “lacunas” deixadas pela ineficácia do governo têm sido parcialmente cobertas pelo trabalho voluntário dos profissionais das ONG’s.

2.3.2 Resultados da pesquisa referente ao período de dezembro/2008 a fevereiro/2009

Na pesquisa mais recente, realizada entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009 no Jornal Folha on line foram selecionadas 36 matérias, categorizadas da seguinte maneira:

- 10: “aspectos gerais/diversos”	= 27,78%
- 10: “avanços da ciência e tratamentos para a doença”	= 27,78%
- 7: “carnaval e a AIDS”	= 19,44%
- 6: “dia mundial de combate a AIDS”	= 16,67%
- 3: “prevenção”	= 8,33%

Entre as notícias selecionadas nesse período, destacam-se as referentes aos aspectos gerais, principalmente a iniciativa de celebridades e da sociedade em geral para contribuir com as entidades que atendem portadores do vírus da AIDS. Nota-se o empenho das Organizações Não Governamentais em desenvolver projetos em prol de melhores condições e busca de tratamentos para os pacientes soropositivos.



Em relação às notícias veiculadas sobre o tema em questão, dentro da categoria relacionada ao período de comemoração do carnaval, merece destaque uma campanha realizada pelo Governo e divulgada através da mídia com foco nas pessoas com idade acima de 50 anos.

Além disso, a mídia também divulgou uma iniciativa do Ministério da Saúde que consistiu em realizar testes gratuitos para detectar o possível vírus da AIDS junto às pessoas que participaram das festividades do carnaval. Desta forma, esta medida trouxe como resultado o diagnóstico da doença para algumas pessoas que, até então, não tinham o conhecimento de serem soropositivos.

Pode-se inferir ainda que na mídia pesquisada foram divulgadas apenas 8,33% das matérias sobre a temática da prevenção da AIDS.

Desta forma, salienta-se que houve pouca informação disponibilizada sobre as formas para a prevenção do vírus HIV, sendo esta, um dos tópicos mais importantes a ser disseminado para o conhecimento da sociedade em geral.

2.3.3 Considerações sobre a pesquisa

Dentre os principais aspectos que merecem destaque, na pesquisa realizada nos anos 1995 a 1997, os tópicos que obtiveram maior importância e abordagem por parte da mídia pesquisada foram: prevenção e avanços da ciência. Mesmo o índice de informações sobre prevenção sendo considerável, no período pesquisado, pode-se dizer que ainda nessa época a preocupação dos veículos de comunicação (modo geral) estava voltada para uma divulgação com caráter sensacionalista e imediatista, remetendo aos diferentes aspectos referentes à doença e/ou portadores como “grupos de risco”. Também, pode-se inferir que a prioridade na veiculação de matérias sobre o tema deu-se também em função da necessidade de divulgação dos investimentos dos laboratórios na pesquisa sobre a AIDS.

Já no período atual, pesquisa *on line*, os assuntos em destaque estão relacionados à preocupação da mídia em divulgar a AIDS em épocas sazonais com destaque para as ações filantrópicas envolvendo instituições que possuem como foco atender portadores da doença. Além disso, vale ressaltar que as ações de prevenção são limitadas, restringindo-se apenas à distribuição de preservativos nas épocas de maior fluxo de pessoas (festividades, fórum mundial, entre outros).

A partir dos resultados, fica claro que, ao longo dos anos, a atenção da mídia em relação à questão da AIDS no Brasil e no mundo passou a ser secundária, ou seja, pouco tem sido abordado sobre a doença, principalmente informações de caráter preventivo.

Sabe-se que a mídia, em geral, possui um papel social e dissemina o conhecimento para a sociedade. Desta forma, é importante inferir que a ausência de veiculação de matérias sobre a temática abordada neste estudo acarreta na diminuição de ações efetivas no combate à AIDS e, ainda, a ignorância, por parte da população, sobre uma doença que traz grandes riscos dentro do



cenário atual, somado aos aspectos culturais e socioeconômicos que fazem parte do cotidiano brasileiro.

3 Considerações finais

Apesar de as organizações sociais estarem inseridas na sociedade do conhecimento e da informação, pode-se inferir que, no que se refere às empresas de comunicação, responsáveis pela geração e disseminação de informações de interesse da população, não existe a prioridade de aplicar os princípios que norteiam esses processos.

Assim, no que tange especificamente às questões de saúde e da AIDS, as matérias veiculadas não têm provocado ressonância, uma vez que, para atingirmos uma situação adequada em termos de diminuição dos índices de infectados com o HIV, é necessário que haja mudança de comportamento dos diferentes públicos – em especial os jovens.

Ao mesmo tempo, se considerarmos que toda informação de interesse da sociedade deve ter caráter de utilidade e ser divulgada de forma que atinja as diferentes camadas, pode-se afirmar que a mídia deve repensar o seu papel enquanto veículo que tem compromisso social – as questões de prevenção, independente do tipo de doença, devem fazer parte da pauta diária e ser prioridade. Trata-se de uma questão de cidadania e de comprometimento com as emergências da população.

Referências bibliográficas

- ABREU, S. E. A. **Pesquisa e análise de documentos**. Disponível em: <<http://www.unievangelica.edu.br/gc/imagens/noticias/1817/fill/01.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2009.
- BARRETO, A.A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v.8,n.4, p.1-10, 1994.
- DUARTE, Márcia Y. M. **Comunicação e cidadania** in DUARTE, Jorge (org); Comunicação Pública: Estado, governo, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo, Atlas, 2007.
- GALVÃO, J. **AIDS no Brasil - a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro, ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GONÇALVES, E.H; VARANDAS, R. O papel da mídia na prevenção do HIV/AIDS e a representação da mulher no contexto da epidemia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a23v10n1.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2009.
- LOPES, A.D. **As alucinantes noites dos camicases**. Matéria publicada na Revista Veja, Edição 2080, 1º de outubro de 2008. Disponível em:< http://veja.abril.com.br/011008/p_096.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- PARKER, R. (org.). **A AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Abia/Im, 1994.
- RAMOS, M.C. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In MARQUES DE MELO, J., SATHLER, L.; **Direitos a comunicação na sociedade da informação**; São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005. Disponível em: <http://www.wacc-al.net/libros/librodireitos/capitulo10.pdf> Acesso em: 20 jun. 2009.
- SCHIAVO, M. R. **A imprensa e a prevenção das DST/AIDS**. Artigo debatido no 1º Seminário para Jornalistas sobre DST/AIDS no Local de Trabalho e publicado no Caderno de Jornalismo 5 - Coordenação Editorial Ana Luiza Zaniboni Gomes. São Paulo, Oboré, 1998.
- SOARES, R. de L. **Mulheres e Aids**: escritos do jornal Folha de São Paulo. Artigo publicado na Revista Comunicação & Sociedade -Editada pelo Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, nº 31, p.1399-159, 1999.
- TERRA, J.C.C.; ANGELONI, T. **Understanding the difference between information management and knowledge management**. Disponível em: <<http://www.terraforum.com.br> > Acesso em: 20 mar.2007.